

*"Vou reerguer o meu castelo
Ferro e martelo
Reconquistar o que eu perdi
Eu sei que vão tentar me destruir
Mas vou me reconstruir, voltar mais forte que antes
[...]
Me levantar e assim crescer
Punhos cerrados, olhos fechados
Eu levanto a mão para o alto e grito
Vem comigo quem é do bonde pesadão
[...]"*
Pesadão - Iza (Participação Marcelo Falcão)

O Movimento "É pra luta que eu vou" vem com a missão de unir estudantes dos quatro cantos do país, para lutar contra a atual situação da educação do Brasil e de todos retrocessos nos nossos direitos, impostos pelo desgoverno Bolsonaro, que vem desmontando nossa constituição e tendo uma política entreguista para os Estados Unidos, acabando com nossas riquezas e soberanias, que conquistamos com muita luta, resistência e unidade.

Nossa tese foi construída com várias mãos, por militantes do Coletivo LUTA, inspirada na música *Pesadão* da Iza, mulher negra, da periferia do Rio de Janeiro, que retrata o sentimento de que apesar das adversidades, dificuldades, golpes, disputa de classe, a luta é o nosso caminho para garantir que todas e todos tenham um futuro digno. É com essa sensação que resistiremos, sempre no fronte, na luta em defesa da educação e das políticas que um dia fizeram o povo ter acesso ao ensino superior.

Acreditamos que a UNE tem um desafio enorme pela frente tendo em vista a atual situação do nosso país, em que nos é colocada uma Reforma da Previdência que nos põe o risco de trabalhar até morrer, ou morrer de trabalhar, acabando com o futuro da juventude trabalhadora. Em contrapartida, ameaça nos tirar 30% dos investimentos em universidades e institutos federais, aqueles e aquelas que um dia foram sinônimo de orgulho para a população brasileira, onde nos Governos Lula e Dilma foram criadas políticas de acesso e permanência, principalmente, para os que achavam que um dia não conseguiriam ter um diploma. Afinal, quem diria que milhares de filhas/os de pedreiros e empregadas domésticas, as/os primeiras/os na família, iriam conseguir virar doutoras/es? Quem diria que fariam o curso de Engenharia Civil com as/os filhas/os dos patrões? Quem diria que a periferia estaria nas universidades? São essas políticas que serão, eternamente, nossas bandeiras de resistência. O que está em jogo para os estudantes brasileiros são as cotas, as bolsas de assistência estudantil, o direito a pesquisa e extensão,

o empoderamento feminino, negro e LGBTTTQI+, a interiorização do ensino superior em todo o Brasil, e tantas outras que fizeram essa juventude poder pensar um futuro com uma perspectiva diferente de vida. Para além da defesa das universidades públicas, precisamos lembrar também das políticas implementadas no ensino superior privado como o ProUni e o FIES, que dialogam diretamente com as/os jovens trabalhadores, que precisam de bolsas ou financiamento para poder acessar o tão sonhado diploma e que em sua grande maioria não podem abrir mão do trabalho porque ainda não existem políticas suficientes para garantir que estudem, jovens estes que, inclusive, sustentam suas famílias.

A UNE tem papel fundamental no processo de construção de resistência estudantil desde sua fundação, nossa entidade foi protagonista nas ruas, praças e universidades, com suas bandeiras, vozes e gritos para afirmar que os estudantes estariam sempre organizados para não abrir mão de seus direitos, para a defesa do povo brasileiro e de uma educação libertadora e de qualidade, garantindo que mais pessoas conseguissem conquistar seus diplomas e fossem críticas a todo o cenário de retrocessos que nosso país viveu.

Cenários difíceis foram vividos na nossa história recente, como *Junho de 2013*, em que partidos e organizações foram expulsos dos atos que tomaram as ruas do país, por manobras do setor empresarial que não permitiam que o debate político fosse apresentado naquele momento; nas *Ocupações de 2016* que lutaram contra a *aprovação da Emenda Constitucional 95*, que congelou por 20 anos o teto dos gastos com educação e outras áreas, tudo isso sendo construído pós-golpe da Presidenta Dilma Rousseff.

É no sentimento de que os estudantes precisam reagir, que o Movimento "É pra luta que eu vou!", convida as mulheres, as e os jovens, negras e negros, LGBTs, cotistas, prounistas, todas e todos estudantes brasileiros para tomarmos conta das ruas, salas de aulas, centros acadêmicos, diretórios acadêmicos e diretórios centrais de estudantes, com nossos punhos cerrados, cabeça erguida e prontos para afirmar que nossas vozes não serão silenciadas em troca de nenhuma migalha!

Queremos afirmar que o 57º Congresso da União Nacional dos Estudantes será palco da maior mobilização estudantil dos últimos anos, nesse país, colocando a UNE mais uma vez em luta e não permitindo que ninguém nos retire nossos direitos!

CONJUNTURA

Vivemos dias sombrios. Há 4 anos atrás, jamais imaginaríamos que estaríamos passando por tamanha dificuldade, o golpe (impeachment da Presidenta Dilma e prisão do Lula) organizado pela mídia tradicional, pelo judiciário e pelo grande capital fraturou o sistema político brasileiro, radicalizando o debate, propiciando o surgimento de lideranças antidemocráticas, como nosso atual presidente.

Mas antes de falarmos de Bolsonaro, precisamos falar do legado do governo Temer, que com sua habilidade conseguiu chegar onde nem FHC chegou. Temer desmontou o projeto de bem-estar social, previsto na nossa Constituição e tirou do Estado o papel de indutor do desenvolvimento nacional. O novo desenho institucional gerado pela reforma trabalhista e pela PEC do Teto de Gastos (EC 95), mudou radicalmente o papel do Estado Brasileiro, subordinando até os investimentos em saúde e educação ao crescimento do PIB, ou seja, impôs investimentos públicos a métricas de crescimento econômico do grande capital.

Temer chegou às eleições de 2018 inviabilizado pela sua impopularidade, MDB e PSDB, fiadores do governo golpista, sofreram sua maior derrota eleitoral, encolheram drasticamente no congresso, perderam governos estaduais e ficaram fora do segundo turno, o MDB enlameado pelos escândalos de corrupção e o PSDB sendo abandonado pela ultradireita que ele mesmo ajudou a construir.

Nesse contexto, um político conservador e antidemocrático em um partido pequeno conseguiu emparedar a direita e obrigou o mercado financeiro a abandonar seu candidato oficial, Geraldo Alckmin, para fazer uma aliança com obscurantismo e com o radicalismo, como única forma de ver seu projeto de país vencedor nas eleições. Essa aliança se mostrou implacável para vencer a disputa de 2018 à Presidência da República, garantindo dentro dos arranjos institucionais barrar a candidatura de Lula e iniciar uma pesada estratégia para chegar até o Palácio do Planalto.

Não iremos aprofundar as razões que levaram a ascensão do Bolsonaro, mas precisamos apontar alguns elementos. O grupo político do mesmo, foi o primeiro a entender de fato a importância das redes sociais, organizou uma poderosa campanha digital e apostou no “pós verdade”, um conceito muito mais amplo do que as Fake News, aonde a verdade (o fato), não tem relevância, o que importa é desgastar o

adversário. As enxurradas de mentiras contadas produziram uma verdadeira realidade paralela para milhões de brasileiros que sem dúvida tiveram seu consentimento fraudado, um verdadeiro vício de vontade na hora de proferir seu voto.

Está claro que os erros do campo progressista também contribuíram para esse cenário, erros esses que vem sendo repetidos, inclusive. A falta de diálogo e da unidade entre os diversos partidos do campo impedem a construção de uma agenda que tenha força suficiente para virar esse jogo. É chegada a hora de refletir e apontar novas estratégias.

O governo Bolsonaro vem se desgastando rapidamente em razão de sua discrepância, mas a esquerda precisa encontrar uma agenda assertiva antes do governo para termos condições de resistir. A agenda do atual governo é extremamente dura. Na economia, o governo pretende fazer uma Reforma da Previdência que vai desmontar a previdência social brasileira, instituindo o regime de capitalização, exigindo 40 anos para aposentadoria integral, estabelecendo a idade mínima de 65 anos para aposentadoria. Além disso, pretendem aprofundar a reforma trabalhista criando um modelo empregatício sem o FGTS e o 13º salário, e também reduzindo os investimentos públicos em saúde e educação. Nos costumes, o governo tenta criar uma guerra cultural, criando um inimigo imaginário chamado “Marxismo Cultural” e tenta impor sua agenda, usando todas as ferramentas institucionais disponíveis, essa agenda é especialmente sentida na área de educação. A dita “Reforma da Educação” é embasada em uma ideologia ultraconservadora e antidemocrática, ameaçando, principalmente, a gratuidade das universidades públicas, a liberdade acadêmica e de pesquisa e a pluralidade de pensamentos nas escolas e universidades. Propostas como estabelecimento de um filtro ideológico para a concessão de bolsas de estudos para pós-graduação e doutorado no exterior, terceirização de todos os postos de trabalho na educação pública, a precarização do trabalho dos/as educadores/as de todos os níveis da educação e a militarização da educação, são exemplos do que está posto na agenda deste governo.

O corte e contingenciamento de 30% nas verbas das Universidades Federais é um exemplo da política de destruição do ensino superior público, o atual ministro da educação fala abertamente em fortalecer o ensino superior privado como forma de responder aos cortes na educação. A resposta a esse corte mostrou a força dos estudantes desse país, milhares de nós fomos às ruas em todos os estados e no Distrito Federal, onde a UNE foi protagonista desses atos, se colocando no centro da resistência a esse projeto nefasto.

A decepção e constrangimento de grande parte do eleitorado de Bolsonaro é evidente, ficando seu apoio cada vez mais concentrado em uma parcela menor e mais radicalizada da população. Seu discurso anti-sistema e sua agenda folclórica não dão a sustentação necessária a seu governo, tendo Sergio Moro e a operação Lava a Jato, que criminalizaram Lula e o PT, como justificativa e alento para manter o apoio ao governo. Mas, até esta farsa está desMOROnando, as conversas vazadas entre os agentes da Lava Jato provam de forma cabal que essa operação agiu de forma enviesada, com objetivos políticos claros, os Procuradores e o Juiz Sergio Moro agiram em claro conluio, ferindo os mais básicos princípios do Direito.

Diante de tudo isso, o que nos resta é ir para a LUTA, a mobilização popular e a Unidade das forças progressistas podem parar esse ciclo de retrocessos e iniciar a construção de um novo Brasil.

EDUCAÇÃO

Os governos de Lula e Dilma investiram em todas as etapas do ensino, revolucionando a educação no Brasil e levando as universidades ao interior do nosso país.

Com Haddad à frente do MEC, foi criado o Prouni, maior programa de concessão de bolsas para o ensino superior do mundo. Cerca de 2,55 milhões de estudante tiveram acesso à universidades privadas até 2015. Sem contar com o Fies, que após sua reformulação, beneficiou mais de 2,14 milhões de pessoas.

A criação do SISU foi outro marco importante no governo Dilma pois além de servir como instrumento de entrada nas universidades públicas, permitia a obtenção do diploma do ensino médio aos brasileiros.

A política de austeridade adotado por Temer devastaram o investimento público e levaram o Estado a desrespeitar sistematicamente os direitos sociais e Bolsonaro segue a mesma linha com os cortes na educação, tirando o investimento do que de mais importante que um país pode ter: a educação.

A EC 95, o fim da destinação dos royalties de petróleo para o ensino endossa o desmonte da educação e contribuem com o sucateamento dos institutos federais induzindo a privatização dessas instituições que são essenciais para a permanência dos filhos da classe trabalhadora à um ensino público e de qualidade.

Corremos o risco de em um governo que se mostra pouquíssimo apegado a democracia, incluindo militares em escolas de base pelo Brasil de intervir mais uma vez nos processos

democráticos dentro de nossas universidades públicas. Através de uma portaria do MEC, é possível indicar qualquer pessoa que não tenha passado pela discussão de quem vive a universidade é um indício de ditadura e a entrada no estado de excessão. Junto com Weintraub, ministro da educação, o presidente tenta a todo momento colocar os professores como inimigos da nação e perseguem os estudantes sem nenhum pudor, mais uma vez Bolsonaro se apresenta como inimigo da educação ao menosprezar os estudantes que foram as ruas contra os cortes de gastos nos institutos federais acusados de balbúrdia, os mesmos institutos que produzem mais de 90% das pesquisas acadêmicas brasileiras. Os cortes afetam diretamente toda a população uma vez que inviabiliza além dos estudos as atividades de serviços essenciais à sociedade como os hospitais universitários que fazem o atendimento não só dos alunos, mas de toda a comunidade no entorno. A educação pública e de qualidade emancipa nosso povo e se faz de suma importância para a qualidade social dos brasileiros pois através dela é possível que os filhos das classes mais pobres tenham a chance de se qualificar de forma digna e equiparar nossa sociedade.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Desde a fundação da UNE, em 1937, que a entidade tem protagonismo nas lutas pela democracia, pela educação e pela soberania nacional. Recentemente, a entidade foi importante na luta pela criação do Fundo Social do Pré-Sal que previa a destinação de 75% dos royalties para a educação e assegurava a implementação dos 10% do PIB para a educação conforme aprovado no Plano Nacional da Educação em 2014, na aprovação do ProUni, do FIES, do Estatuto da Juventude, do ID Jovem e em tantos outros momentos importantes para história do Brasil.

Nós acreditamos que para resistir e avançar é preciso construir a unidade do movimento estudantil brasileiro, assim como construímos nos atos convocados pelas entidades estudantis, que aconteceram nos dias 15 e 30 de maio e levaram milhões de pessoas às ruas contra os cortes de 30% no orçamento da educação e a reforma da previdência proposta pelo governo Bolsonaro. Estamos em luta contra os retrocessos impostos pelo governo Bolsonaro, criando espaços mais participativos e democratizando a forma de organização, funcionamento e atuação da UNE, para recuperar a sua representatividade entre as e os estudantes; valorizando suas diversas formas de expressão, tornando-a referência da base estudantil contra os desmontes na área da educação, na luta por um

ensino superior de qualidade e universal. Nós não queremos que as Universidades voltem a ser um espaço elitista!

Nós não nos enquadrámos nos lugares comuns, não topamos a disputa pela disputa e o debate rebaixado. Achamos que a apropriação oportunista de pautas e debates estudantis não contempla os anseios e sonhos que compartilhamos. Nós acreditamos no movimento que incide na realidade pela base!

- Queremos que a UNE continue realizando o Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB), onde se reúnem representantes dos Centros Acadêmicos de todo país pra debater e decidir a política da UNE, por entendermos a importância que esse é o espaço mais representativo e próximo a base estudantil, apresentando o diálogo daqueles e daquelas a quem a UNE deve representar;
- Queremos que a UNE realize o IV Seminário Nacional de Assistência Estudantil da UNE;
- Queremos que a UNE se aproxime, envolva e dialogue com os diversos coletivos que atuam nas universidades e nas comunidades.

São tempos difíceis para as sonhadoras e os sonhadores no mundo e no Brasil. A reorganização e ofensiva do capitalismo neoliberal, o crescimento do conservadorismo, a promoção do ódio e da intolerância, as violações dos direitos humanos, os ataques à democracia e aos direitos sociais marcam esses tempos. O golpe que vivemos no Brasil tem raízes internacionais e aumentou a crise econômica, social e política no país. O projeto golpista em curso é contra o povo, contra a soberania nacional e integração latino-americana, contra o presente e futuro da juventude, gera aumento do desemprego, da miséria e das desigualdades e quer voltar ao tempo em que só os ricos podiam ter direitos.